

In memoriam

No dia 18 de março de 1938, quando a Paraíba era governada por Argemiro de Figueiredo – ex-interventor e depois governador eleito – e João Pessoa era cidade de apenas 94.333 habitantes, D. Maria das Dores Gonçalves da Silva deu à luz mais um que comporia sua respeitável prole de nove filhos.

O recém-nascido viria a ser nosso amigo e irmão de coração – o neurocirurgião José Alberto Gonçalves da Silva, símbolo da coragem e obstinação nordestinas, um dos fundadores da Sociedade Nordestina de Neurocirurgia e introdutor da neurocirurgia no Estado paraibano.

Seu pai, o cabo Carlos Pereira da Silva, à custa de disciplina, de comportamento ético invejável e de absoluto mérito militar, chegou ao oficialato do Exército Brasileiro.

Pai e mãe sendo extremamente religiosos, criaram os filhos norteando-os no respeito para com as virtudes cristãs e sob rígida disciplina militar.

Assim encaminharam o pequeno Zé Alberto para aprender as primeiras letras em escola administrada por freiras, tendo completado o curso primário em outro colégio, também dirigido por religiosos, desta feita por frades franciscanos, na sua grande maioria de origem alemã.

O vetusto colégio dos frades franciscanos ocupava área do bairro Viradouro, banhado pelo rio Sanhauá, por onde se iniciou o desenvolvimento da capital paraibana.

Ouvindo ainda como criança, diariamente, por dois anos consecutivos, os frades se comunicarem em alemão, com certa rapidez passou a falar a gutural língua do imortal poeta Johann Wolfgang von Goethe.

Como era costume no Brasil da primeira metade do século vinte e, mormente no nordeste brasileiro, as famílias se esforçarem para terem em seu seio um padre ou um militar, de 1952 a 1956 José Alberto acalenta o sonho de sua genitora de ter um filho dedicado ao sacerdócio e estuda por todo esse período, no seminário de Ipuarana, também dirigido por frades alemães.

Ali aprimorou e aprofundou seus conhecimentos da língua alemã e fortaleceu a fé católica. Como na tragédia de Goethe, Zé Alberto imitava o Dr. Fausto e afirmava: “*Feliz quem guarda intacta a fé no seio, De sacrifício algum há de sentir a prema*”.

No seminário criou o hábito do estudo sistemático dos Livros Sagrados, fato que o acompanharia pelo resto de sua vida, burilou sua conduta ética e adquiriu também a disposição duradora de ir, sempre que podia, à missa.

José Alberto Gonçalves da Silva possuía a obsessão de cumprir normas, dentro de uma rígida visão ética. Certa feita, ao cumprir sua obrigação de seminarista fazendo a limpeza do claustro, viu seu trabalho perdido quando Frei Hipólito, ariano de quase dois metros de envergadura, maculou com suas sandálias sujas de barro o piso, até bem pouco tempo de uma limpeza ímpar.

Diz o próprio Zé Alberto que Frei Hipólito insta-o a limpar novamente o chão do claustro ao que ele se nega, desafiando a autoridade eclesiástica e o que é mais grave, retrucando que, se quisesse ver o chão tão limpo quanto antes, o próprio Frei Hipólito o limpasse. Isso lhe valeu a expulsão do velho seminário de Ipuarana, onde passara os melhores anos de sua vida (*sic*), encerrando sua fase de quase sete anos de convivência com religiosos alemães.

Foi em Ipuarana que José Alberto cristalizou no cadinho do trabalho, da disciplina e da ética uma estrutura psíquica rígida, mas profundamente revestida de magnanimidade e altruísmo.

Sua filantropia objetivou-se no cuidado que dispensou a seus pacientes, a grande maioria constituída dos menos validos, em hospitais beneficentes ou por meio do atual Serviço Único de Saúde – SUS.

Quando termina o curso de Medicina na Universidade Federal da Paraíba, procura o Serviço do Prof. Manuel Escobar Caetano de Barros, em Recife, onde fica por pouco tempo.

Intempestivamente, procura o serviço do Prof. Rolando Tenuto no Hospital das Clínicas do Estado de São Paulo. O primeiro contato com o Dr. Osvaldo Lange foi constrangedor, pois não marcara entrevista e se apresentava como típico nordestino – camisa por fora das calças e um pente desnecessariamente adornando-lhe o bolso da camisa. Rapidamente, contudo, pela

insistência em trabalhar e fazer as coisas corretamente, ganha a confiança do Prof. Spina França e completa sua residência em Neurocirurgia.

Mas o espírito irrequieto e a necessidade de fazer as coisas com perfeição e ética levaram-no, em junho de 1966, também inopinadamente, a Mainz, onde teve uma primeira entrevista com o Prof. Kurt Schuermann, que chegou a chamar seu assistente e Prof. Hermann Dietz para providenciar a volta imediata daquele impertinente nordestino para seu país de origem.

A clarividência do então assistente Dietz mostrou ao professor que aquele que se apresentava ao Serviço, sem credenciais, *sponte sua*, tinha uma coisa diferente – dominava a língua alemã melhor que os nativos de um modo geral... Dietz devia conhecer a afirmação de Carlos V (1500-1558): *Vales por tantos homens quantas línguas falas*.

A observação sensibilizou o Dr. Schulman, que permitiu que o aspirante a assistente de neurocirurgia da famosa clínica de neurocirurgia de Mainz ficasse num quarto que servia de depósito.

Com tenacidade, movido por uma vontade ingente de aprender uma excelente neurocirurgia para aplicá-la quando de sua volta ao Brasil, José Alberto foi ganhando posições e finalmente recebeu o diploma de especialista em neurocirurgia pela Sociedade Alemã de Neurocirurgia.

Mas impõe-se dizer a verdade. Por trás da ascensão contínua de José Alberto como neurocirurgião e cidadão, encontrava-se um anjo que conquistara o coração do solitário brasileiro em Mainz, prendera-o

definitivamente pelos laços do matrimônio nutrido por um puro amor, fiel e magnânimo, controlara suas intempestividades, coroara-lhe a vida com três filhos (Bárbara, Andreas e Stephanie), passando a viver mais nordestinamente que os autóctones paraibanos e que outra não é senão sua companheira por mais de quarenta anos, a ex-enfermeira do setor de Neurocirurgia do Hospital de Mainz, a Sra. Annegret Wilkes.

Nos últimos 30 anos de sua existência, tinha como *hobby* a leitura sobre religião, o cuidado do pastor alemão (exigência da Annegret) e o aprendizado de línguas, assim como o cultivo das rosas de seu jardim.

Foi vencedor também na vida acadêmica, tanto que defende tese de doutoramento na USP, em 28 de abril de 1972, faz cinco anos depois Livre-Docência pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e chega à invejável posição de Professor Titular em maio de 1989, também na UFPB.

Publicou oitenta e quatro trabalhos de excelente nível, em revistas nacionais e internacionais, bem como três livros, dos quais o último – Malformações Occipitocervicais – objeto maior de suas pesquisas, foi aceito pela comunidade neurocirúrgica brasileira.

No dia 19 de julho de 2014, José Alberto Gonçalves da Silva volta ao Pai, deixando conosco a lembrança de seu sorriso franco e a inextinguível qualidade de batalhador, de homem probo e fiel a seus amigos.

Francisco Flávio Leitão de Carvalho
Clemente Augusto de Brito Pereira